



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA  
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**FELIPE ARTHUR DE PAULA PAZ**

**O PROCESSO DE INSURGÊNCIA DA CIDADE GLOBAL NO BRASIL**

**NATAL  
2017**

**FELIPE ARTHUR DE PAULA PAZ**

**O PROCESSO DE INSURGÊNCIA DA CIDADE GLOBAL NO BRASIL**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Econômicas, em cumprimento às exigências legais como requisito final à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

**Orientador:** Prof. Dr. Denílson da Silva Araújo.

**NATAL  
2017**

Catálogo da Publicação na Fonte.  
UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA

Paz, Felipe Arthur de Paula.

O processo de insurgência da cidade global no Brasil/ Felipe Arthur de Paula  
Paz. - Natal, RN, 2017.

36f.

Orientador: Prof. Dr. Denílson da Silva Araújo.

Monografia (Graduação em Economia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Economia. Curso de Graduação em Ciências Econômicas.

1. Cidade Global - Brasil - Monografia. 2. Fenômeno Urbano - Monografia. 3. Serviços Especializados - Monografia. 5. Emprego - Monografia. I. Araújo, Denílson da Silva. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BS/CCSA

CDU 711.43:316.334.56(81)

FELIPE ARTHUR DE PAULA PAZ

**O PROCESSO DE INSURGÊNCIA DA CIDADE GLOBAL NO BRASIL**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Econômicas, em cumprimento às exigências legais como requisito final à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Denílson da Silva Araújo – Orientador

---

Prof. Dr. William Eufrásio Nunes Pereira – Membro Examinador

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma forma, estiveram e estão próximos de mim e me tornam a cada dia um pouco mais sábio. Porém, gostaria de deixar alguns registros nessa página e agradecer a todos os professores da UFRN, pois não seria possível realizar este trabalho sem os conhecimentos transmitidos por tantos mestres e doutores da instituição, em especial ao meu orientador, Professor Denilson, que me atendeu em dias e horários variados, mesmo tarde da noite ou no final de semana. Agradeço aos amigos que fiz na instituição, os quais serão sempre lembrados por mim, pois contribuíram muito para o meu aprendizado.

Não posso deixar de registrar os meus agradecimentos aos meus empregadores, porque mesmo mantendo dois empregos e a universidade, a compreensão deles foi fundamental para os meus atrasos e ausências, que foram constantes nesse último semestre. Muito grato a todos os meus colegas de trabalho, sejam da Evolux Sistemas, sejam do Dbeach Resort, em especial aos colegas, Dehon, Karlos, Aline, Lucas, Ítalo e Gustavo.

Agradeço com destaque a possibilidade de viajar a trabalho pela Evolux, o que tornou possível realizar as observações empíricas sobre São Paulo.

Menciono também o SAGA Entretenimento e todos os amigos que cultivei e cultivo, pois obtive uma grande experiência do setor de serviços e eventos, que também me possibilitou entender vários efeitos encadeadores na economia. E principalmente a diminuir meu stress em conversas com temas variados. Meu muito obrigado a Patê, Anderson, Victor, Hanna e Luciano.

Claro que também existirá o espaço eterno destinado à minha família. E não posso deixar de agradecer especialmente a minha mãe, Edna de Fátima de Paula, por todo o apoio, pelas caronas, principalmente no início da graduação, e por me perguntar a todo instante quando eu me formaria, com suas broncas bem aplicadas. E a minha irmã, Jaqueline, que proporcionou as minhas duas viagens aos Estados Unidos, onde pude conhecer um símbolo do capitalismo contemporâneo e a NYSE (bolsa de valores de Nova Iorque).

Agradeço muito a minha namorada, Karol, por aguentar o meu stress, ajudar quando precisei, oferecer o suporte emocional necessário e por ser minha principal companhia em todos os momentos. Você é e foi muito especial para mim durante todo esse processo.

E finalmente agradeço muito a minha mente sonhadora, a minha imaginação e a perseverança diante de tantos desafios, que foi construída com o auxílio de todos. Muito obrigado.

## RESUMO

Este estudo objetivou compreender as cidades e o consumo do seu espaço, especialmente em Cidades Globais com destaque para São Paulo, bem como descrever o que é uma cidade e como se caracteriza nos dias atuais, assim como descrever brevemente o Fenômeno Urbano e explicar como se dá o consumo do espaço e quais são os principais conflitos neste processo. Buscou-se também entender porque o capitalismo contemporâneo é predominantemente movido pelo setor de serviços. Para isto, apresenta-se o conceito de Cidade Global e porque os serviços ultra especializados se concentram nelas. Analisou-se como funciona a hierarquia das cidades e a participação das revoluções das telecomunicações e da logística no processo. Para tanto, foi utilizado como método uma pesquisa bibliográfica, através do estudo de diversos autores em busca e alocação de conhecimento sobre cidades, Cidades Globais e planejamento urbano. Deste modo, foi possível perceber a importância em se estudar o planejamento urbano, em sua Leitura Total e observar o fenômeno que ocorre com o emprego e o consumo do espaço em especial em Cidades Globais, como também entender o fenômeno Urbano, como se dá o consumo do espaço e a dicotomia das formas de emprego em especial nas Cidades Globais.

**Palavras-chaves:** Cidade. Fenômeno Urbano. Cidade Global. Serviços Especializados. Emprego.

## ABSTRACT

This study aimed to understand the cities and consumption of their space, especially in Global Cities mainly for São Paulo, as well as describe what a city is and how it is characterized in the present day as well as briefly describe the Urban Phenomenon and explain how space consumption and what are the main conflicts in this process. It also makes it possible to understand why contemporary capitalism is predominantly driven by the service sector. For this, the concept of Global City is presented and the reason why the ultra-specialized services are concentrated on them. Also briefly analyzing how the hierarchy of cities works and the participation of the telecommunications and logistics revolutions in the process. For this purpose, the bibliographical research was used as a method for collecting data, through the study of several authors in search of and allocation of knowledge about cities, Global Cities and urban planning. It was possible to perceive the importance of studying urban planning in its Total Reading and observing the phenomenon that occurs with the use and consumption of space, especially in Global Cities, as well as to understand the Urban phenomenon, how the consumption of space and the dichotomy of forms of employment in particular, in Global Cities.

**Keywords:** City. Urban Phenomenon. Global City. Specialized Services. Employment.

## LISTA DE SIGLAS

CBO	Centros Bancários Offshore
CMS	Corporações Multinacionais
IED	Investimento Estrangeiro Direto
IPO	<i>Initial Public Offering</i> (Oferta Pública Inicial)
PNB	Produto Nacional Bruto
PPP	Parceria Público-Privada
ZPES	Zonas de Processamento de Exportações



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Hierarquia global.....	16
Figura 2 – Transformações das cidades.....	17
Figura 3 – Fenômeno urbano.....	19
Figura 4 – Conflito entre agentes .....	23
Figura 5 – Concentração financeira.....	28
Figura 6 – Hipóteses de classificação: cidades globais .....	33

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I – AS CIDADES E SUAS CARACTERÍSTICAS.....</b>	<b>12</b>
1.1 O FENÔMENO URBANO EM UMA PERSPECTIVA TEÓRICA .....	17
<b>CAPÍTULO II – A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO URBANO E O SEU CONSUMO</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO III – CIDADES GLOBAIS: A FORMA CONTEMPORÂNEA DE EXPRESSÃO DO FENÔMENO URBANO .....</b>	<b>24</b>
3.1 SÃO PAULO COMO CIDADE GLOBAL .....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

Uma Cidade Global é o espaço que está no topo da hierarquia urbana. Os agentes participantes dela realizam ações, interesses e suas atividades influenciam fortemente toda a hierarquia global como, por exemplo, (vilas, cidades locais e metrópoles) bem como toda a população urbana.

As Cidades Globais concentram a oferta de serviços especializados<sup>1</sup>, o estoque de financiamento, de ativos financeiros e graves problemas sociais, externalidades estas geradas pela ação do próprio modo de produção capitalista e sua revolução urbana.

Dessa forma, busca-se entender cada vez mais o fenômeno urbano, para que se possa compreender como a atuação das cidades em rede se processa, no sentido do fluxo de mercadorias, da geração de emprego e da urbanização. Afinal, vários problemas sociais como a falta de habitação, de desemprego, a violência e os conflitos entre os vários estratos da sociedade parecem emergir e as ciências parecem não convergir em um estudo para sua leitura total.

É possível consumir basicamente qualquer produto do mundo que seja comercializado em uma Cidade Global, basta acessar a internet, utilizar um cartão de crédito internacional e a mercadoria chegará dentro de algum tempo à maioria dos consumidores do mundo, tornando o consumo cada vez mais internacionalizado.

Por outro lado, a renda indica está cada vez mais concentrada. Vale salientar que tal concentração se apresenta nas Cidades Globais e apesar de elas serem densamente povoadas, não só a renda é de difícil acesso, como também o consumo do espaço está em eterno conflito. Ao que tudo indica, em sua maioria, as pessoas estão sendo expulsas dos centros urbanos, lugar que apenas há espaço reservado para o grande capital.

Sendo assim, para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas e vídeos, além do conhecimento empírico sobre o setor de serviços. A pesquisa bibliográfica baseou-se em publicações científicas nas áreas da geografia, sociologia, economia e filosofia. Houve a oportunidade de se visitar duas Cidades Globais, São Paulo e Nova Iorque, as quais possibilitaram a realização de observações empíricas.

---

<sup>1</sup> Serviços especializados são aqueles de difícil reprodução sem um intensivo estudo ou treinamento e que não são encontrados com facilidade, normalmente exigem um nível de escolaridade elevado ou conhecimento notório e particular de ferramentas e/ou processos. Ex: consultorias financeiras, jurídicas, de contabilidade, marketing, programação etc.

Esta monografia se estrutura em três capítulos, além das considerações finais. O primeiro traz a descrição das cidades e o entendimento sobre o fenômeno urbano em uma abordagem geográfica, sociológica e filosófica, ainda que rasa.

No segundo capítulo estuda-se o espaço urbano com foco nos agentes envolvidos no seu consumo e nos conflitos levantados pelos interesses diversos.

E no terceiro capítulo aborda-se sobre as Cidades Globais, quando são descritas e caracterizadas. A cidade de São Paulo é utilizada como exemplo para um melhor entendimento do conceito.

## CAPÍTULO I – AS CIDADES E SUAS CARACTERÍSTICAS

Imaginar a cidade não é um feito difícil. Esta definição está encrustada nas mentes da população. Imaginam-se prédios, empresas, trânsito e, logo, a imagem da urbanização está formada.

Pensar em cidades contemporâneas consiste em refletir sobre o urbano, na atuação em redes, em zonas metropolitanas. Classificar tudo isto não é tarefa fácil. Por este motivo, considera-se prudente a presente análise a partir de uma pergunta bastante simples: quais as principais características de uma cidade contemporânea?

Para Sposito (2008) a cidade seria, por excelência, um lugar de concentração e efervescência da vida social. Uma cidade não pode ser resumida por fatores isolados, e para compreender o que ela é, faz-se necessária uma reflexão e uma busca em sua gênese histórica.

Beaujeau-Garnier (1980 *apud* SPOSITO, 2008) cita que a cidade é uma concentração de homens e de necessidades de todas as espécies, que se organizam com extrema capacidade de transformação, com caráter dual, em certa parte objeto porque existe materialmente, e em certa parte sujeito. Em outras palavras, é um objeto porque tem extensão e infraestrutura, mas ao mesmo tempo é sujeito porque exerce influência sobre seus habitantes em termos de atitude e impulso. Logo, conclui-se que tanto a cidade molda o homem quanto o homem molda a cidade, sendo uma via de mão dupla que não deve ser vista em um sentido apenas.

O fato é que a cidade não existe em uma forma estática. A cidade reage às ações humanas. Um veículo capaz de andar à alta velocidade em dado sítio urbano tem constantemente sua velocidade contestada pela própria arquitetura urbana erigida nesse determinado sítio, ou seja, no percurso pelo terreno o veículo será forçado a não usar seu potencial. Ao chegar ao centro de uma cidade completamente lotada e com trânsito intenso, toda a capacidade de velocidade e técnica a qual o veículo foi projetado será limitada, porque a cidade se comporta como um sujeito e reage “falando” que ali não é possível correr, é preciso esperar pelo semáforo e pelas pessoas nas ruas (SASSEN, 2012).

“A cidade é o elemento fundamental da organização do espaço” (SPOSITO, 2008, p.14). As pessoas irão se organizar em normas, placas, leis, mesmo que implícitas, para conseguir consumir o espaço urbano de forma coletiva. As pessoas irão entender que, quando se esbarra em alguém andando na cidade de São Paulo ou de Nova Iorque é uma consequência da superlotação, mas fazer o mesmo em uma pequena cidade pode gerar uma grande confusão. As pessoas são condicionadas a interagir com a urbanização do espaço. Ademais, as cidades são centros de decisões política e econômica e são espaços comuns de convívio de uma sociedade.

Assim, fica patente que as cidades são mais do que um mero espaço geográfico, são sujeitos porque também transformam o homem e seu comportamento, e são objetos de consumo<sup>2</sup> (SPOSITO, 2008).

A definição de cidade, apesar de estar presente em diversos autores que analisam o fenômeno urbano, varia de país para país. No Brasil, a definição mudou desde a criação do Estatuto das Cidades. É possível observar que se conservou apenas o critério político-administrativo. Assim, as Câmaras Municipais têm autonomia para estabelecer os limites de suas cidades (SPOSITO, 2008), limitando-se ao planejamento urbano descrito no estatuto das cidades e uma série de critérios político administrativos.

Os critérios para se definir uma cidade são realmente variados, tendo como única semelhança a sua gênese, que se baseia em dados demográficos ou nos limites administrativos, englobando por vezes os elementos religiosos, e conseqüentemente os sociais, a lacuna que precisa ser preenchida nesse quesito é entender o fenômeno urbano ou a própria concepção de urbanização. Sposito (2008) deixa claro que para isso é preciso se concentrar no aspecto de realidade concreta da sociedade, como a divisão do trabalho e seu ciclo de produção, envolvendo a circulação, troca e consumo<sup>3</sup>.

O que diferencia uma cidade de uma aldeia? Uma cidade média de uma metrópole? Uma metrópole de uma Cidade Global? A resposta precisa ser interpretada, mas Sposito (2008) deixa claro que a dinamicidade para se transformar rapidamente é o ponto de observação central.

É nesse processo que surge o conceito de transformação de uma aldeia para uma cidade. Durante este processo destacam-se por seu papel as cidades médias, que talvez seja a definição mais abrangente das cidades. Quando se estuda as cidades médias, percebe-se que são numerosas e têm um papel fundamental na estruturação do território, são aquelas cidades que estão entre uma metrópole e uma vila ou cidade pequena (SPOSITO 2008).

“São Paulo é considerada uma metrópole global” (SPOSITO, 2008, p. 23). Já o Rio de Janeiro uma metrópole nacional, existindo ainda várias metrópoles regionais e todas articuladas com cidades e centros menores, sendo várias dessas cidades menores, cidades médias que estão intimamente ligadas e relacionadas na troca de mercadorias e serviços (SPOSITO, 2008).

---

<sup>2</sup> Uma pessoa que vive em uma cidade diferente da que nasceu logo passa a se comportar e ter hábitos característicos dessa nova cidade, seja o sotaque ou a forma de demandar mercadorias e serviços. Os efeitos regionais e as peculiaridades viabilizam e chancelam a afirmação do parágrafo anterior. O que ratifica que de fato uma cidade é sujeito e também objeto.

<sup>3</sup> Ao observar tal lógica é impossível não perceber a sua semelhança com o processo descrito por Karl Marx (2012), ao analisar a dinâmica do modo de produção capitalista.

Para os olhos mais atentos é possível observar que as cidades possuem um escopo crescente de pessoas envolvidas em classes sociais antagônicas, capitalistas envolvidos com o exercício da religião e da política, poderes antes exclusivos dos governantes.

Nesse quesito, Sposito (2008) deixa claro que a Revolução Industrial foi o marco que transformou as formas de apropriação de terras, transmutação da natureza e organização das relações sociais de produção para a formação das cidades e do conceito de urbano. Fica implícito nesta construção que a indústria exerceu papel fundamental no processo de urbanização dos espaços sociais.

Existe uma disputa de controle, poder e influência entre as cidades. Não é possível negligenciar que existem fortes diferenças locais, como no que diz respeito a sua distribuição e localização no espaço. Uma cidade média, por exemplo, será muito diferente de outra, mas elas irão buscar o confronto na sua função e importância com as metrópoles.

O que evidencia a verdadeira envergadura urbana de uma cidade são os habitantes que nela residem e a transformam. O papel destes habitantes na divisão social do trabalho é um destaque. O espaço é cheio de diferenças e desigualdades e para entender essas heterogeneidades, Sposito (2008) ressalta que “é preciso observar o papel dos agentes produtores do espaço nela construído” (SPOSITO, 2008, p. 23) e voltar a recordar que o espaço é moldado através de interesses e ações. Nas palavras de Sposito (2008).

Os pontos de referência nas explicações teóricas e nas exemplificações empíricas acerca do conceito de cidades são fornecidos pelos fenômenos típicos da metrópole, os quais se projetam em uma rede de cidades médias que se consolida cada vez mais, no caso brasileiro, sobretudo por causa da desconcentração da produção tecnológica e industrial. Aí surge uma importante questão: o que é uma cidade média? Temos que admitir, concordando com Roger Brunet, que “nunca é cômodo tratar um objeto real não identificado”, e a cidade média comporta uma dificuldade de conceituação. Mesmo assim “ela existe, mas ninguém ainda a definiu verdadeiramente” (SPOSITO, 2008, p.21-22).

Assim, conforme a passagem acima, não há uma definição clara para cidades médias, contudo o ponto mais importante desse trecho é a afirmação de que as metrópoles se projetam em uma atuação em rede com as cidades médias. Tal atuação é intensificada por revoluções logísticas<sup>4</sup> e de telecomunicações<sup>5</sup>. A troca de mercadorias, a possibilidade de prestar serviço à

---

<sup>4</sup> Revoluções Logísticas são pautadas pela inovação dos meios de transporte e serviços relativos a circulação e transporte de mercadorias. Ao exemplo de meios de transporte mais eficientes e mais rápidos com o avanço tecnológico e das estratégias utilizadas para esse transporte.

<sup>5</sup> Revoluções de Telecomunicações estão associadas ao alto grau de tecnologia incorporada para realizar transmissões de conteúdos diversos ao exemplo de videoconferências, teleconferências, hologramas e realidade aumentada.

distância, o fluxo informacional entre metrópoles e cidades médias é um ponto a se destacar e observar, pois o emprego também existe nessa interação.

Fica evidente que uma cidade tem carácter dual, ora objeto, ora sujeito. Além disso, fica perceptível que as cidades se caracterizam pela atuação em rede, principalmente pela atuação de cidades médias que são numerosas e têm papel fundamental no relacionamento com as metrópoles (SPOSITO, 2008).

O emprego que existe nas interações entre cidades e, seguindo uma hierarquia mundial, uma cidade influencia a outra com uma estrutura de poder econômico, político e religioso (SPOSITO, 2008). Dadas às várias possibilidades de interseções urbanas, muitos fatores objetivos e subjetivos podem influenciar na caracterização e no grau de importância de uma cidade. Por exemplo, o Vaticano exerce influência sobre o mundo católico, em especial as pequenas cidades, onde autoridades eclesiásticas são ouvidas e respeitadas; que Londres exerce influência financeira em toda a Europa e em todo o mundo; que os negócios em São Paulo influenciam toda a América Latina; que uma decisão política no Japão influencia boa parte da Ásia.

Para entender esse fluxo de influências, a atuação em redes e porque essas Cidades Globais exercem tal influência no mundo inteiro, é preciso saber como se dá o consumo do espaço urbano e quais os agentes envolvidos nesse consumo. Com essas respostas talvez seja possível planejar a urbanização e a alocação dos agentes nesse processo.

Na Figura 1 a seguir apresenta-se um fluxograma em que, na cor rosa, constam as relações de interação de uma cidade com a outra e com instrumentos de logística e de telecomunicações pouco desenvolvidos, como já se foi no início da Globalização. Já na cor laranja é possível observar que uma Cidade Global atualmente possui os recursos de logística e de telecomunicações que permitem a interação das mesmas com centros menores, inclusive com vilas. Tal lógica é essencial para explicar o consumo e o efeito de concentração de serviços nas Cidades Globais.

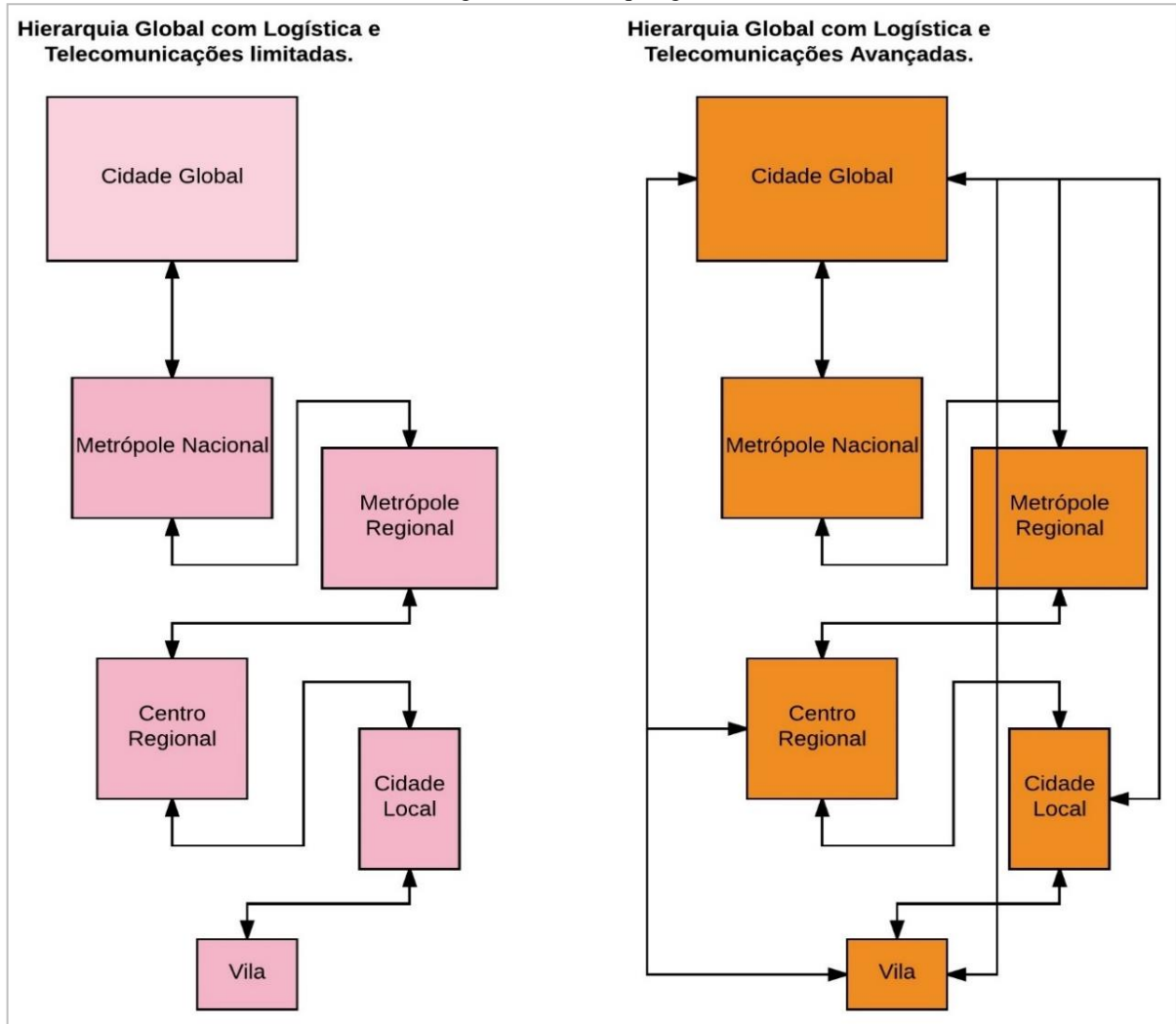
Para tomar como exemplo, tem-se uma pessoa que se localiza em uma aldeia e está em busca de um leite sem lactose, caso não encontre em sua cidade, solicita ao mercado local o produto, que por sua vez irá recorrer a um centro de distribuição na cidade local, e este por sua vez a um regional que também irá recorrer a uma Metrópole Nacional podendo chegar a uma Cidade Global.

Contudo, se o consumidor estiver dentro da área de atuação de uma Cidade Global nos dias atuais e das empresas e instituições que nela situam, financiam os meios de logística e de



telecomunicações para que o mesmo consumidor a partir de um *smartphone* ou computador realize o pedido diretamente da Cidade Global.

Figura 1 – Hierarquia global.

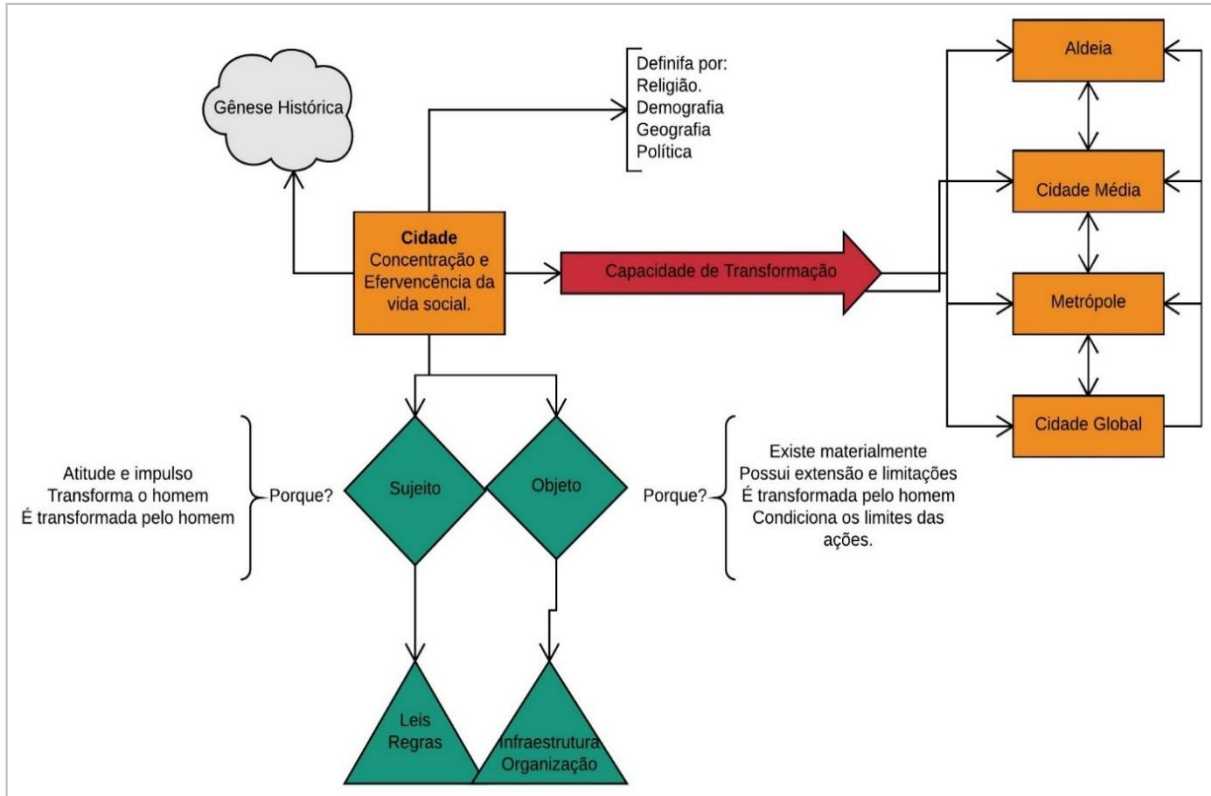


Fonte: Elaborado pelo autor.

Ademais, pode-se observar na Figura 2 uma melhor interpretação deste capítulo, uma vez que nela estão detalhadas as transformações das cidades e sua dualidade sujeito-objeto.

Estando a cidade em laranja, partindo de uma gênese histórica (cinza), que pode ter sua extensão definida por diversos critérios (seta superior, ligada à cidade), marcada por uma dualidade sujeito e objeto (setas para baixo), com capacidade de transformação (seta em vermelho) como critério para definir a sua dinamicidade e poder de influência perante as demais cidades. E em todas as interações é importante frisar que os agentes (as pessoas) são os responsáveis por essas transformações.

Figura 2 – Transformações das cidades.



Fonte: Elaborado pelo autor.

## 1.1 – O FENÔMENO URBANO EM UMA PERSPECTIVA TEÓRICA

Na sessão anterior, o Urbano foi definido por Sposito (2008) de forma bem consistente, mas é importante entender “A Revolução Urbana”. A sociedade Urbana nasce da industrialização (LEFEBVRE, 1999, p. 15).

Lefebvre (1999) argumentou sobre uma linha dinâmica de evolução do processo urbano, iniciando na Cidade Política, que tem sua estrutura social definida. Em seguida, passou a analisar a Cidade Comercial, que tem a lógica da mercadoria como centro de interação. O momento em que o mercador nômade passou a integrar sem equipamentos de estrutura predial utilizando apenas uma tenda na rua ou uma pequena barraca e passou a ser fixado dentro da cidade, começou a movimentar um centro, este comercial, dentro do núcleo social capaz de fazer emergir o cerne da interação social urbana.

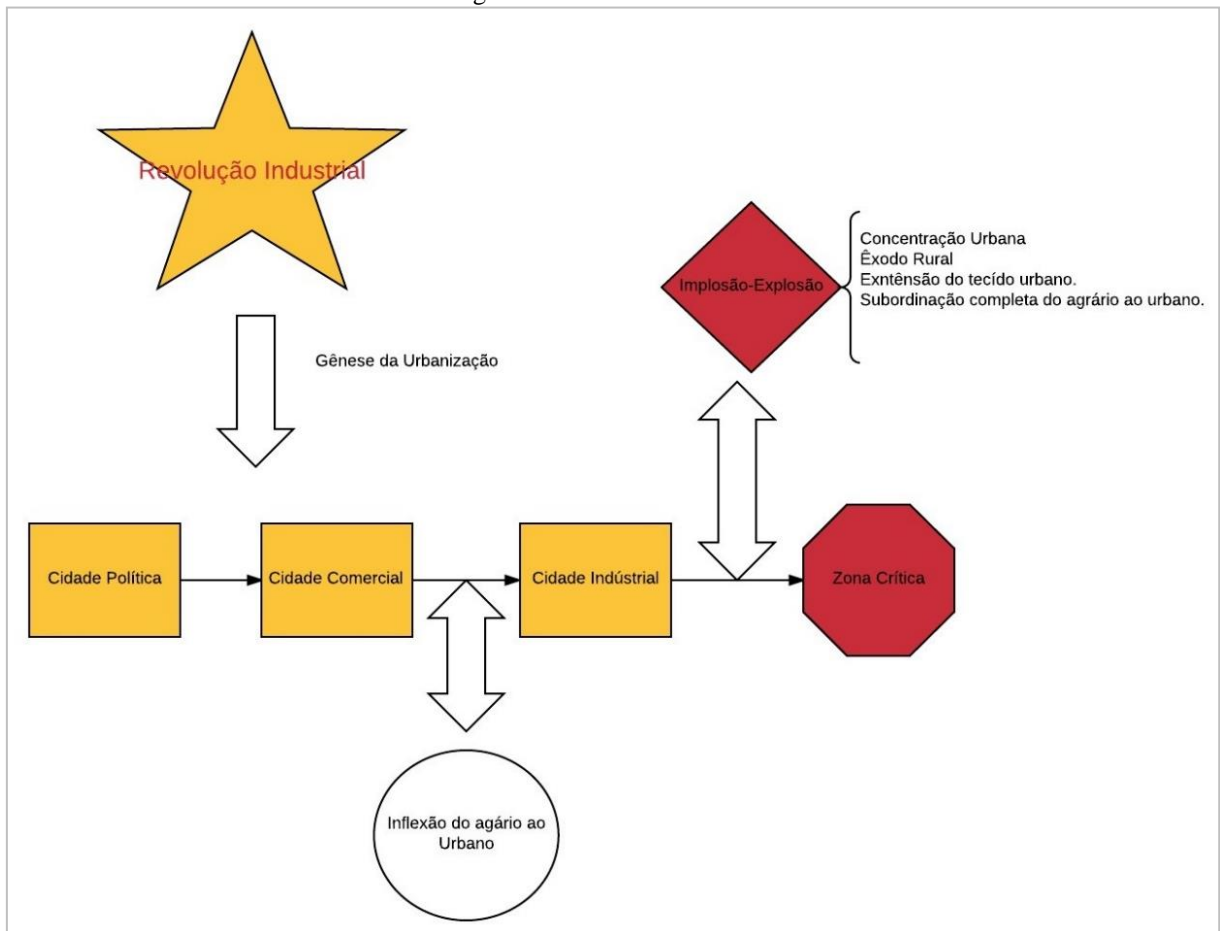
No próximo passo do processo estava a Cidade Industrial, esta antes de efetivamente definida, passou por um processo de inflexão entre o agrário e o urbano e seguiu em evolução para um processo de implosão-explosão capaz de provocar concentração urbana, êxodo rural, extensão do tecido urbano e subordinação completa do agrário ao urbano. Culminando em uma zona crítica que transpassa apenas de forma virtualizada a percepção do que é urbano (LEFEBVRE, 1999).

Pode-se dizer que após ter se apresentado o urbano como conceito tem sua virtualidade e imagem da Cidade Industrial. Com esta imagem em mente é possível prosseguir em direção ao fenômeno urbano em si e à Zona Crítica descrita por Lefebvre. Neste contexto, fica claro que o fenômeno urbano surpreende por sua complexidade, revelando a necessidade de se estudá-lo em várias frentes do conhecimento. O mais importante é constatar que o urbano é um fenômeno que se apresenta em escala mundial a partir do processo de implosão-explosão citado.

Um dos pontos de conclusão de Lefebvre (1999, p. 165) é de que “a problemática urbana se deve, de forma perturbadora, à extraordinária passividade das pessoas diretamente interessadas, concernidas pelos projetos, postas em suas questões pelas estratégias”.

Todos são parte do Fenômeno Urbano e para entendê-lo é preciso entender o modo de produção que uma sociedade se molda. O urbano muda, ele é diferente para uma sociedade asiática, diferente para uma sociedade que utiliza mão de obra escrava, diferente para as sociedades ditas desenvolvidas e industriais. Isto é, o fenômeno é parte de um processo social composto, que deve ser estudado de forma multidisciplinar pela geografia, economia, filosofia, sociologia etc., a fim de entender as transformações antes que o processo Implosão-Explosão provoque externalidades às quais a sociedade não está preparada para lidar, resultando em violência, em pobreza, em desigualdades cada vez mais acentuadas. O Urbano pode ser estudado para auxiliar no processo de transformações da sociedade e não deve ser encarado apenas como algo que simplesmente acontece espontaneamente (LEFEBVRE, 1999).

Figura 3 – Fenômeno urbano.



Fonte: Lefebvre (1999, p. 27) (com adaptações).

A Figura 3 auxilia na interpretação do presente capítulo, detalhando a evolução do Fenômeno Urbano, pois Lefebvre (1999) informa a cidade inicialmente como uma estrutura política, que depois passa a ter uma estrutura comercial, e a partir da revolução industrial, passa por uma inflexão do agrário ao urbano com o surgimento da Cidade Industrial que recebe o efeito de Implosão-Explosão, culminando em uma zona crítica, repleta de externalidades. Estas negligenciadas em sua Leitura Total por várias áreas de estudo, ou analisadas somente por uma ótica.

## CAPÍTULO II – A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO URBANO E O SEU CONSUMO

No mundo urbano existem diversos agentes. Sposito (2008) elencou alguns que são importantes e precisam ser observados para entender a lógica do consumo do espaço nas cidades:

O “Agente 1” são os proprietários dos meios de produção, tais como donos de grandes indústrias e empresas comerciais, que com sua enorme capacidade de consumo do espaço urbano, demandam proximidades com as estruturas urbanas, em geral principalmente com as estruturas de transporte como rodovias, ferrovias, portos e aeroportos. O “Agente 2” seriam os proprietários fundiários, que são os proprietários do solo e dos imóveis, e querem ampliar sua renda. Interessados mais no valor de troca do solo que em seu valor de uso da terra (SPOSITO, 2008).

Ambos agentes apresentados até agora têm um objetivo em comum, querem extrair a mais-valia social limitando-se a seus próprios interesses, às vezes conflitosos, às vezes harmoniosos entre si. Claro, submetendo-se por suposto à legislação e os limites sociais da região.

Para obter o maior lucro possível os proprietários fundiários pressionam o poder público para obter a infraestrutura que os donos de meios de produção demandam, assim conseguem elevar o valor de troca de suas propriedades através das externalidades construídas pelo poder público. É então que surgem mais agentes, quais sejam:

O “Agente 3”, que são os promotores imobiliários responsáveis pelo encontro dos agentes 1 e 2 e se encarregam de concluir 5 etapas essenciais, quais sejam: incorporação; financiamento, estudo técnico, construção e comercialização, ou seja, eles são o corpo a corpo das relações de consumo do espaço, em geral corretoras e empresas imobiliárias (SPOSITO, 2008).

O “Agente 4”, o governo, é responsável pela atuação complexa do espaço e nesse âmbito o Estado tem o poder de mover toda a urbanização e desenvolvimento de acordo com seus interesses. Interesses tais que podem coincidir com os agentes 1 e 2 ou com os interesses do “Agente 5” (SPOSITO, 2008).

O “Agente 5” está aqui representado pelos grupos sociais e excluídos, sendo estes últimos aqueles que demandam moradias e não conseguem se inserir na disputa por terras, criando os espaços sociais hoje conhecidos como comunidades, mas que já foram conhecidos na literatura como favelas. Essa realidade já é bem conhecida e faz a cidade crescer até os seus limites (SPOSITO, 2008).

A introdução desses agentes é o primeiro passo para entender o consumo do espaço urbano. Além disso, torna-se necessário compreender toda a infraestrutura de uma cidade desde o abastecimento de água e coleta de esgoto até instalação de redes de telefonia fixa inclusive o cabeamento de internet e equipamentos de consumo coletivo existentes, tais como praças e ginásios. Os serviços coletivos que esse espaço concentra são levados em consideração na hora do consumo, uma empresa escolhe sua localização observando, por exemplo, serviços de transporte, segurança e limpeza.

A cidade tem limites de crescimento, mas pode crescer no sentido horizontal até os seus extremos geográficos. Já o segundo tipo de expansão é o vertical e tem uma limitação muito mais distante. Assim, a cada construção realizada uma externalidade é gerada, o valor de uso do espaço é limitado, entretanto, a cada externalidade positiva se incrementa cada vez mais o valor de troca do espaço urbano.

Assim, quanto mais se modifica uma cidade, construindo, alterando a paisagem, verticalizando e a transformando em uma metamorfose de concreto, mais externalidades vão surgindo. Prédios cada vez mais caros tomam proveito de serviços de transporte já existentes, de equipamentos urbanos “convencionais” (hospitais, shoppings, escolas) e terminam criando equipamentos de luxo como heliportos nas coberturas de prédios.

O problema é que o Agente 5, que é numeroso e tem pouco poder nesse jogo, não conseguirá mais consumir e até se inserir nesse espaço. Em outras palavras, o trabalhador convencional não poderá viver em grandes cidades, pois sua renda não acompanhará o custo mínimo necessário para estar inserido nele.

A expansão do tecido urbano se caracteriza por ser intensa, mas descontínua. Sposito (2008, p. 31) complementa que “entre urbanização e cidade encerra uma nova problemática, quando a identidade entre forma e conteúdo está redefinida por uma nova morfologia urbana”.

Nessa expansão a cidade tem a capacidade de se articular não apenas como objeto e sim também como sujeito, como já foi afirmado no capítulo anterior. Isso é tão verdade que na atualidade a análise da cidade se torna cada vez mais complexa, porque a agenda que ela possui se diversificou em várias temáticas que não podem ser ignoradas, sejam questões ambientais, sejam questões de violência, e assim esses temas transformam o espaço como um deslizamento ou enchentes transformam a paisagem e ceifam vidas. O urbano é também erguido em meio a sequestros e assassinatos que alteram não só o valor de troca ou de uso das propriedades, mas também a capacidade e velocidade de transformação de toda a região afetada.

No consumo do espaço urbano o trabalho tem uma discussão central e, inclusive, motiva e separa o que é urbano do que é rural. Por exemplo, o Brasil adota o critério do trabalho para

diferenciar tais ambientes, ou seja, o espaço será urbano quando os trabalhadores estiverem vinculados às atividades de natureza urbana, e o espaço será rural quando as atividades estiverem vinculadas a agricultura, pesca e pecuária. Entretanto, é de conhecimento geral espaços polinucleados que em uma mesma cidade concentram significativa atividade rural e urbana ao mesmo tempo.

Nessa disputa do espaço, as cidades capitalistas desenvolvem um processo de segregação, resultante do consumo dele. Em outras palavras, a própria riqueza distribuída para sua população, ressaltando visivelmente os aspectos de concentração da riqueza da terra, sendo plenamente perceptível apenas ao olhar as regiões ricas e as regiões pobres.

Nessa “guerra” pelo consumo do espaço um fator crucial e inovador se apresenta para conciliar e apaziguar os conflitos de consumo, não os conflitos de espaço propriamente ditos, mas os conflitos de consumo material, de circulação de mercadorias.

Tal fator inovador foram as “Revoluções Logísticas<sup>6</sup>”. A possibilidade de consumir finalmente se aproximou das camadas mais pobres. A disputa entre o urbano e o rural, entre o pobre e o rico, entre o empresário e o proprietário de terra agora podem diminuir de intensidade, pois é possível consumir mercadorias que antes apenas o estrato da população que estava bem localizado nos grandes centros e proximidades poderia obter. Desde coisas como alimentos com especificidades como frutos do mar, produtos sem glúten ou sem lactose, a mercadorias de alto valor agregado como computadores, carros e celulares de ponta (SPOSITO, 2008).

Ademais, podem-se acrescentar às análises anteriormente registradas, a importância dos transportes para a dinâmica urbana. Os transportes são essenciais ao espaço, porque mais do que transportar pessoas, transportam mercadorias com velocidade e precisão. Este fator logístico é um modificador do espaço, pois as empresas querem ficar próximas das estruturas de transporte para escoar suas mercadorias e insumos. Já o consumidor, a população em si, pode ficar de certa forma afastada das empresas. Basta haver um grande centro de recebimento para estas mercadorias.

Com essas revoluções, circuitos produtivos são construídos, tais circuitos são formados com o turismo, com a circulação de mercadorias e também com o aumento do fluxo de capitais.

Assim, o modelo atual de urbanismo se apresenta com um imensurável fluxo de informações, de energia, de cultura e de demandas sociais e empresariais. Parece que esse é o

---

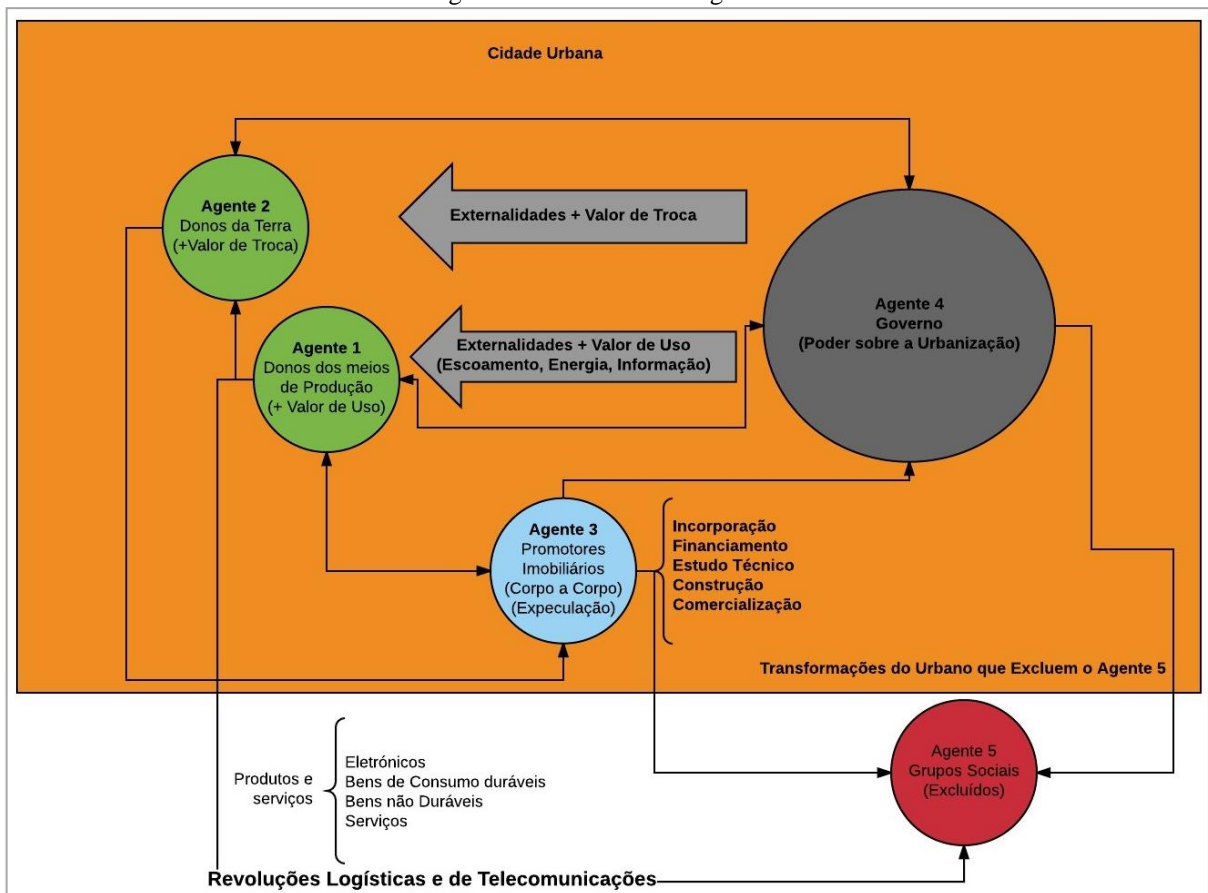
<sup>6</sup> As revoluções logísticas citadas no trecho fazem parte do cotidiano, representam o aparo de ferramentas, sejam bicicletas, motocicletas, drones, aviões, navios etc. Como também serviços de planejamento para entregas e logística reversa. Como exemplo, compras *online* ou por telefone, que chegam no local de destino e caso haja algum problema podem ser devolvidas e coletadas por serviços postais.

modelo urbano do século XXI, e “ao que tudo indica, o habitat principal como tendência histórica da sociedade” (SPOSITO, 2008, p. 46).

É inevitável que os 05 agentes entrem em conflito, e quando se trata de Cidades Globais o Agente 5 é violentamente excluído do processo de consumo do espaço. Mesmo com revoluções logísticas e de comunicação, se inserir nesse espaço através do emprego não tem sido uma tarefa fácil e é nesse sentido que o capítulo a seguir explanará as características e o tipo de emprego que tais cidades oferecem.

A Figura 4 demonstra o fluxograma que auxilia na compreensão do conflito e relacionamento entre agentes. O governo como grande agente, capaz de transformar o urbano e influenciado pelo agente 3 para aumentar o valor de troca e de uso para os agentes 1 e 2 excluindo o agente 5 do seu consumo.

Figura 4 – Conflito entre agentes.



Fonte: Elaborada pelo autor.



### **CAPÍTULO III – CIDADES GLOBAIS: A FORMA CONTEMPORÂNEA DE EXPRESSÃO DO FENÔMENO URBANO**

Mesmo com um fluxo urbano imensurável, a ideia de que tudo isto só é possível através da indústria de transformação pode parecer muito concreta, afinal Sassen (1994) afirma que muito se estudou sobre a indústria de transformação e seus encadeamentos. Sabe-se que a participação da atividade industrial vem caindo nas cidades brasileiras de forma geral, e existe um contínuo aumento das indústrias da informação e do setor de serviços.

Em Cidades Globais, os empregos estão concentrados em serviços financeiros e altamente especializados (SASSEN, 1994). Acreditava-se que com a revolução das telecomunicações e meios de transporte o capital migraria para onde fosse essencialmente mais barato produzir. Este raciocínio não é plenamente verdadeiro porque as grandes cidades, tais como, Nova Iorque, Frankfurt, Tóquio, São Paulo e Londres mantêm seu nível de atividade econômica.

Quando se analisa metrópoles globais um fato curioso sobre o preço de seus imóveis apresenta-se; os preços de seus imóveis estão, em geral, não vinculados com o resto do país. Ou seja, os preços dos imóveis estão mais relacionados vis-à-vis com outras metrópoles globais. Tal fator se deve por existir um comando e hierarquia global, as cidades mesmo atuando em redes têm uma lógica hierárquica, criando dessa forma uma oferta de produto e serviços altamente especializados que só podem ser encontrados nessas cidades (SASSEN, 1994).

Assim, uma divergência salarial gritante se forma. Salários maiores para empregos detentores de conhecimento, salários menores para atividades manuais e industriais. Como conciliar uma população tão heterogênea no mesmo espaço? O conceito americano de moradias no subúrbio e trabalho na cidade parece ter respondido, em parte, tal dilema.

“A heterogênea parece não afetar apenas um setor, pois mesmo com crises, mesmo com especulações imobiliárias, o nível de lucro para o setor financeiro na economia urbana parece intocado” (SASSEN, 1994, p. 19). Desta forma, as corporações tendem a concentrar seus escritórios nas metrópoles globais para ter acesso aos ganhos do nível especulativo imobiliário e aos serviços especializados, tais como: financeiros, jurídicos, de engenharia e de contabilidade.

Portanto, até o Banco Mundial se esforça para produzir análises que mostrem a produtividade urbana como fundamental para o desempenho macroeconômico, já que há concentração das economias das corporações nestes centros.

Existe uma competição explícita entre cidades com o objetivo de obter acesso a mercados cada vez mais globais (SASSEN, 1994), tendo em vista recursos e atividades que vão do investimento estrangeiro direto, matrizes e instituições internacionais ao turismo e às convenções. É preciso situar-se na história para entender como os serviços especializados ganharam tanta representatividade frente à manufatura. Para isso, observar os fluxos de Investimento Estrangeiro Direto (IED) nas décadas de 1980 e 1990 no mundo é o ponto inicial.

Os países desenvolvidos passaram a investir no Sudeste asiático de forma constante e crescente, já na América do Sul e Caribe, de forma decrescente, mas ainda em grande volume (SASSEN, 1994).

A crise bancária nos Estados Unidos em 1982 impulsionou o movimento de investimentos das Corporações Multinacionais (CMs), pois como os empréstimos concedidos a países pobres e a empresas na América Latina estavam insolventes, a desregulamentação aliado a falta de oferta de crédito direcionou as CMs à possibilidade de se comportarem e se transformarem em bancos, garantindo por mais de uma década altas taxas de lucratividade, como afirma a estudiosa Sassen (1994, p. 32) que “sob certos aspectos, as CMs substituíram os bancos”.

Existem certos lugares que representam as novas formas de globalização econômica, sendo estes: Zonas de Processamento de Exportações (ZPEs), Centros Bancários *Offshore* (CBO) e Cidades Globais. Também fazem parte do processo os portos e distritos industriais (SASSEN, 1994).

As ZPEs possuem algumas características que as tornam interessantes do ponto de vista da reprodução do capital, por exemplo: salários baixos, isenção de impostos, padrões simples e pouco exigentes para a implantação de empresas no local. E todos esses elementos em conjunto são de fundamental importância para a internacionalização da produção.

Os CBOs são assunto à parte, porque diferente de operações industriais ou de produção *offshore*, quando se fala de centros bancários não necessariamente eles precisam estar fora do país. O termo, segundo Sassen (1994), é empregado para designar centros financeiros desregulamentados que podem servir como paraísos fiscais. Enfatizando, quando se trata de Centros Bancários, os termos *offshore* e *onshore* não querem dizer o mesmo que empresas e operações; eles dizem respeito apenas à regulamentação, sendo o *offshore* bem menos regulamentado e podendo se realizar inclusive dentro do país.

No geral, os centros bancários *offshore* servem para diminuir ou anular efeitos de impostos, estão normalmente localizados em paraísos fiscais e não respeitavam no período

analisado o quadro de regras de Bretton Woods, sendo importante para hoje observar os acordos de Basileia. E depois de 1971, com a quebra da conversibilidade do dólar em ouro e securitização – para tornar os papéis e atividades mais líquidas – tornaram as instituições financeiras deste segmento mais estáveis e mundialmente receptoras de capital.

Completando o raciocínio, as Cidades Globais são as cidades que estão em constante fluxo de interações internacionais e exercem influência sobre as outras cidades do mundo. Além de reunir os principais serviços especializados necessários como já mencionado.

O ponto para estar atento quando se fala de Cidades Globais diz respeito à concentração financeira desproporcional. Por exemplo:

Em Tóquio, em 1990, o percentual correspondente a 64% do PNB (Produto Nacional Bruto) do Japão inteiro estava em ações, alocando 90% deste valor todo na bolsa de Tóquio. Já nos EUA, um valor correspondente a 119% do PNB está em capitalização e mercado de ações, sendo 2/3 na bolsa de Nova Iorque. Para finalizar o exemplo, um valor correspondente a 118% do PNB do Reino Unido capitalizado em mercado e ações estavam distribuídos no país, mas em Londres havia uma concentração de mais de 50% desse valor (SASSEN, 1994), ou seja, uma concentração financeira em poucas cidades.

O que foi descrito até agora serve para afirmar que “[...] o surgimento de um novo tipo de sistema urbano, que opera em níveis regionais, globais e transnacionais” (SASSEN, 1994, p. 47). Dos quais a cidade é um ponto central fundamental para coordenação internacional dessa urbanização, atua em rede e exclui cidades mesmo que pertencentes ao mesmo país, por não estarem inseridas nessa lógica de atuação. Ou seja, o emprego, a renda e a produção se concentram predominantemente nas Cidades Globais. Com destaque ao tamanho do setor financeiro.

O jogo das forças de mercado opera no sentido da desigualdade<sup>7</sup> e isso acontece porque determinadas regiões começam a obter vantagens competitivas, o que as levam a se distanciar das demais. Mas não é o que na prática tem se demonstrado. Sassen (1994) afirmou que: “A primazia e o status das megacidades são alimentados claramente pelo crescimento da população urbana” (SASSEN, 1994, p. 52), logo, as possíveis ações no que se diz respeito às estruturas de globalização apontam sempre para a concentração. E complementa exemplificando que: “[...]”

---

<sup>7</sup> Determinadas regiões começam a obter vantagens competitivas, o que as levam a se distanciar das demais. A única forma de estabilizar o sistema seria através de forças exógenas, como o investimento público, que a partir de um impulso inicial desencadearia uma mudança no sistema e assim se iniciaria um movimento de forma circular no sentido do primeiro investimento e de forma cada vez mais ampla (MYRDAL, 1965).

entre as principais empresas estrangeiras de advocacia estabelecidas em Hong Kong, metade é do Reino Unido, e a outra metade, dos Estados Unidos” (SASSEN, 1994, p. 68).

Novos polos de crescimento<sup>8</sup> podem surgir, juntamente com o turismo e a internacionalização da produção. Duas grandes correntes se destacam, baseando-se a primeira na mudança cada vez mais acentuada em direção ao setor de serviços especializados em todas as economias adiantadas. E a segunda na transnacionalização cada vez maior da atividade econômica. (SASSEN, 1994).

Essa lógica indica uma forte e crescente aglomeração das atividades pertinentes nas grandes cidades, fortalecendo a lógica do crescimento urbano, sobretudo com suas bases ligadas ao crescimento das empresas e suas necessidades de alocação. Já em países com economias mais adiantadas, tal processo deve ser acentuado principalmente por imigrações e também pelo crescimento populacional.

Aparenta ser “um processo natural das economias mais desenvolvidas a redução da participação do setor manufatureiro na economia em decorrência da crescente participação do setor de serviços” (SASSEN, 1994, p. 78). Muito embora exista uma discussão sobre a dependência do setor de serviços sobre a indústria, ela não será abordada neste estudo.

É possível descrever, no entanto, que os serviços especializados são importantes para a organização e transnacionalização das indústrias. Uma vez que se torna muito mais prático contratar empresas terceirizadas<sup>9</sup> para dar o aparato de publicidade, marketing, contabilidade e jurídico do que desenvolver essas atividades dentro da própria empresa, facilitando a entrada em novos mercados e diminuindo seu tempo.

“Apesar das multinacionais empregarem boa parte de sua força de trabalho no exterior, é muito mais eficiente contratar empresas especializadas para expandir seus mercados” (SASSEN, 1994, p. 92-93). E não necessariamente tais empresas precisam estar em loco da atividade industrial. Basta que estejam representadas em alguma cidade global e que a indústria pertença a um grupo transnacional. A título único de exemplo, uma indústria que queira produzir em qualquer lugar do Brasil pode contratar serviços em São Paulo para suprir suas necessidades, independentemente de onde os negócios se realizem no Brasil. Tal fato se deve as revoluções logísticas e de comunicação, somados a atuação em redes que uma Cidade Global possui.

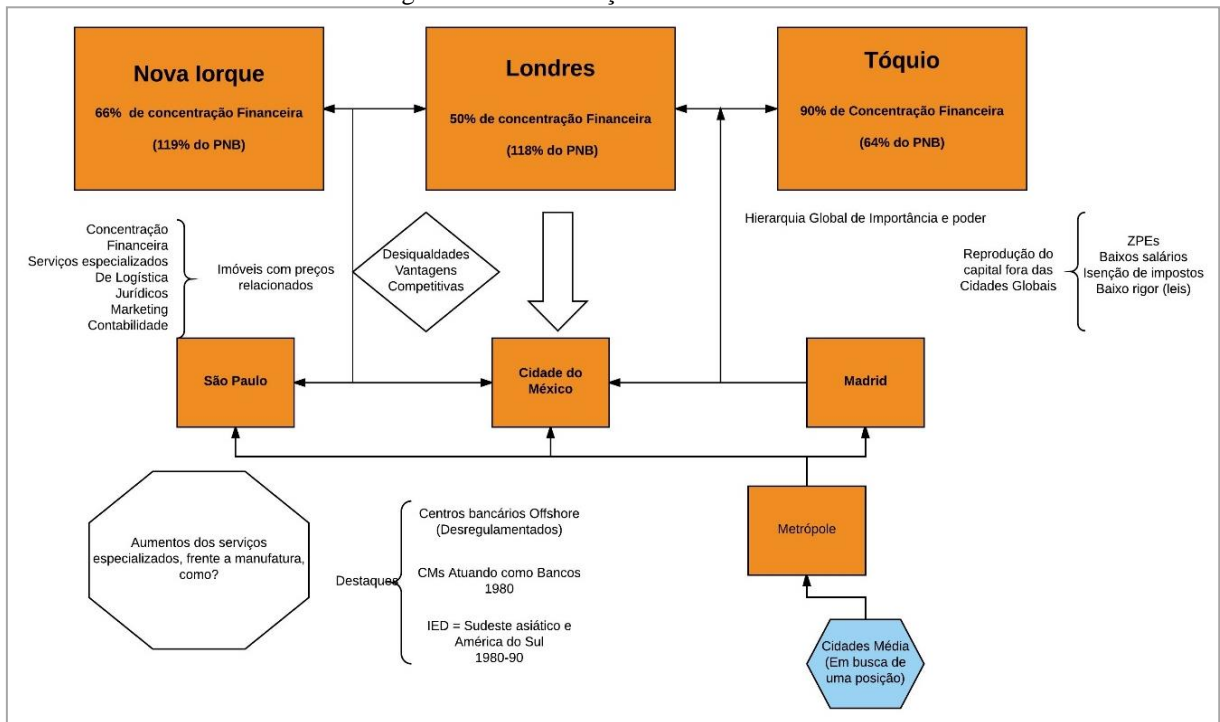
---

<sup>8</sup> Ler Perroux(1955) para a compreensão da teoria dos Polos de Crescimento.

<sup>9</sup> Empresas contratadas por outras empresas para realizar atividades secundários que se diferenciam da atividade fim do negócio.

A Figura 5 traz um fluxograma que auxilia na compreensão deste capítulo, destacando-se a concentração financeira em Cidades Globais e a interação entre elas. Em laranja situam-se três Cidades Globais com alto grau de influência e é demonstrada a sua concentração financeira; o fluxograma indica ainda as cidades com maior poder na hierarquia e em seguida Cidades Globais de segunda ordem, incluindo São Paulo, que são influenciadas pelas de primeira ordem. Ele destaca também alguns segmentos de serviços especializados presentes nessas Cidades, destacando as ZPEs, CBOs, CMs e EID como lugares e fatores concentradores do capital.

Figura 5 – Concentração financeira.



Fonte: Elaborada pelo autor.

### 3.1 SÃO PAULO COMO CIDADE GLOBAL

O conceito de Cidade Global parece já estar bem difundido, tanto que vários estudos já buscam entender São Paulo, a metrópole, com o seu status de Cidade Global, sem se preocupar, criticar ou discutir esse conceito (CARVALHO, 2000).

A metrópole, com status de cidade Global se apresenta de três formas segundo as hipóteses descritas por Carvalho (2000): a forma diagnóstico; a típico-ideal; e a paradigma. No entanto, é preciso entender a origem histórica do conceito, observar ações de planejamento estratégico e entender como São Paulo recebe o termo de Cidade Global.

De acordo com Lefebvre (1999, p. 157 *apud* CARVALHO, 2000, p. 70) “as dificuldades na apropriação do conceito também se revelam por ocorrer a partir de diferentes especialidades do conhecimento sem que haja um esforço maior para proceder a sua Leitura Total”.

Historicamente, “o termo Cidade Global está ligado aos impactos causados pela globalização e o desenvolvimento da economia na década de 1970” (CARVALHO, 2000, p. 71). Tal mudança foi marcada principalmente “pela diminuição da atividade industrial em relação ao nível de serviços especializados e aumento principalmente da atividade financeira, sendo tais atividades, predominantemente, transnacionais” (CARVALHO, 2000, p. 71).

De acordo com Carvalho (2000, p. 72):

A substituição das atividades industriais pelo setor de serviços seria responsável por promover uma alteração no mercado de trabalho gerando maior polarização social, já que ao lado da oferta de empregos altamente qualificados e bem-remunerados demandava serviços de manutenção e sustentação da estrutura produtiva que, diferentemente dos primeiros, não requerem qualificação e, por isso, mal remunerados. Por consequência, essa nova divisão do trabalho promoveria uma alteração quase que imediata no uso da terra, no mercado imobiliário e na estrutura de consumo, produzindo espaços dualizados no interior das metrópoles. Uma nova configuração, portanto, da segregação urbana.

Conforme explicado acima, a divisão do trabalho foi redefinida. Uma classe de empregos menos qualificados, ou seja, de serviços, não especializados ficou cada vez mais evidente. Empregos com um menor grau de qualificação são numerosos e as cidades que detinham uma economia predominantemente industrial passam a aumentar sua participação no setor de serviços e em especial o financeiro se destaca com um grande volume de capital e com a presença de IED e grandes empresas transnacionais (SASSEN, 1994).

A forma Diagnóstico é a que se apresenta para as primeiras Cidades que cunharam o termo de Cidade Global, tal forma leva em conta a importância em rede da cidade e pode-se imaginar as cidades ditas de primeira ordem ou no topo do “ranking” como Metrópoles Globais por Diagnóstico como por exemplo: Tóquio, Londres e Nova Iorque. Assim São Paulo destacada em uma segunda ordem de Cidades Globais mais bem alocadas na forma Típico-Ideal. Na forma Diagnóstico destacam-se os espaços dualizados e a polarização social existente nas Cidades Globais, pois apresenta um grande número de trabalhadores com baixo grau de qualificação, executando serviços simples (SASSEN, 1994).

“[...] o conceito de Cidade Global adquire uma nova forma, denominada Típico-Ideal, onde metrópoles até então classificadas de segunda ordem, tem sua importância ressaltada e São Paulo passa a figurar entre tais cidades” (CARVALHO, 2000, p. 72).

De acordo com Carvalho (2000, p. 72):

Seria, portanto, global a cidade que se configurasse como nó ou ponto nodal entre a economia nacional e o mercado mundial, congregando em seu território um grande número das principais empresas transnacionais; cujas atividades econômicas se concentrassem no setor de serviços especializados e de alta tecnologia, em detrimento das atividades industriais; quando, por consequência, o mercado de trabalho fosse polarizado gerando novas desigualdades sociais e uma forma de segregação urbana dualizada.

Conforme explicado acima, a Cidade Global atua como um nó ou ponto nodal, isto é, está no centro das transações e tem um setor de serviços plenamente desenvolvido e especializado com alta tecnologia envolvida. Com um mercado de trabalho polarizado, entre profissionais que estão inseridos no mesmo setor, o de serviços, contudo segregados entre não especializados e especializados. A forma típico-ideal não se preocupa em analisar os problemas urbanos de uma Cidade Global, ela descreve a forma normativa, de como deveria ser, assim por inferência as características observadas em outras Cidades Globais que surgiram historicamente primeiro, são dadas como verdade para as futuras e se perde a essência, a especificidade e peculiaridades de uma cidade em detrimento da sua função como Metrópole Global, deixando de lado aspectos regionais.

[...] das explicações clássicas, que discutiam o processo de segregação a partir da dinâmica intrametropolitana. As explicações, por exemplo, de tradição marxista, bastante em voga no final dos anos 60, compreendiam a segregação urbana como elemento estrutural da produção capitalista do espaço, portanto como resultado do conflito capital-trabalho projetado sobre a realidade urbana. Os estudos sobre cidade global no negam que a apropriação do espaço urbano seja desigual, mas parecem sugerir que decorre da diferença na renda auferida pelos grupos profissionais polarizados (LEVY, 1997:38). Apesar do tom crítico, a explicação pretendida não só perde em intensidade em relação à explicação clássica, mas, inclusive, a obscurece, principalmente por pretender-se novo paradigma, isto é, por sugerir a ruptura definitiva com as explicações que estejam vinculadas a outras matrizes teóricas de interpretação (CARVALHO, 2000, p. 73).

Essa segregação influencia o consumo do espaço e expulsa os trabalhadores menos especializados da possibilidade de consumir o espaço Urbano em uma Cidade Global, como é o caso de São Paulo e afasta cada vez mais o trabalhador de seu emprego e torna a renda cada vez mais distante do necessário para manter sua qualidade de vida. Ao exemplo do bairro do Anhanguera em São Paulo que foi o refúgio para vários estratos da população Paulista, expulsa de outras regiões pela crescente valorização.

[...] mais especificamente entre 1991 e 1996, houve um adensamento populacional das regiões periféricas com destaque para o bairro de Anhanguera, cujo número de moradores aumentou em 129,96% – onde as condições de exclusão social são maiores, e uma redução no número de moradores dos bairros em que o índice de exclusão praticamente inexistente, como o caso do bairro Jardim Paulista (SPOSATI, 2000, p. 16 *apud* CARVALHO, 2000, p. 80).

Uma sensação de crise foi gerada diante da conscientização da globalização na economia, pensou-se na necessidade de intervir nas grandes metrópoles para se alcançar o mínimo de bem-estar social e para garantir a democratização da sociedade. Assim se torna necessário incluir as cidades no sistema mundial através de suas metrópoles a fim que possam disputar o financiamento estrangeiro e transformando as cidades em “máquinas do crescimento” (CARVALHO, 2000, p. 76-77). Logo:

A forma paradigma da Cidade Global rompe com o conceito que tais cidades são puramente fruto da globalização e do crescimento econômico, são vários fatores que contribuem para uma nova definição de conceito, que para os Urbanistas pode ser alcançado com o planejamento estratégico (CARVALHO, 2000, p. 74).

O exemplo demonstrado pela autora é Madrid, que passou por um planejamento estratégico para contornar a suburbanização. O planejamento estratégico está intimamente ligado com a lógica competitiva, em tornar uma cidade cada vez mais atrativa para IEDs, inserindo-as em rede com o planejador urbano, político, como um empreendedor. Como também as grandes cidades passam por uma diminuição da participação industrial em decorrência do crescimento do setor de serviços, levando em consideração os encadeamentos e impostos gerados por ambos os setores, “é de se esperar que uma Crise Fiscal possa ser gerada, assim as Parcerias Público-Privadas (PPP) se apresentam como alternativa para o gestor público” (CARVALHO, 2000, p. 80).

[...] Um estudo realizado pelo Instituto Europeu de Economia Urbana, em que foram ouvidos 50% de empresários e 50% de expertos, universitários, investigadores, periodistas etc., aponta quatro fatores de atração nos quais as cidades que se pretendem competitivas devem investir: infraestrutura de comunicação aeroportos, telecomunicação, infraestrutura de internacionalização da economia, feiras, exposições, hotéis; terciário de excelência, centros de pesquisa, recursos humanos qualificados; qualidade de vida oferta cultural, bom clima, ambiente urbano, vida na rua; e *buena* imagem, que *la ciudad esté* de moda, que *tenga* prestígio al nivel internacional (BORJA, 1994, p.15 *apud* CARVALHO, 2000, p. 76).

Assim, como é possível perceber no trecho destacado acima, o planejamento estratégico privilegia e orienta o gestor urbano, empreendedor, a direcionar suas ações em busca por IED e PPPs. E privilegia obras de infraestrutura de comunicação e internacionalização. Tal movimento é descrito por Sposito (2008) ao que diz respeito ao consumo do espaço, e o estreito laço que o Agente 4, Governo, realiza com os agentes 1 e 2 através dos promotores imobiliários. Excluindo o Agente 5, e o expelindo da cidade.



Por outro lado, ainda existe o investimento em qualidade de vida, com aumento da oferta Cultural e melhoria do ambiente urbano, mas isso parece não passar de um “adorno” para vender melhor a cidade como Mercadoria. O Agente 2 investe para que o valor de uso do espaço seja majorado e para que a função social do seu empreendimento seja visualizada pela população. Mas o Agente 5 em si pouco participa dessa transformação, como é possível destacar no trecho abaixo.

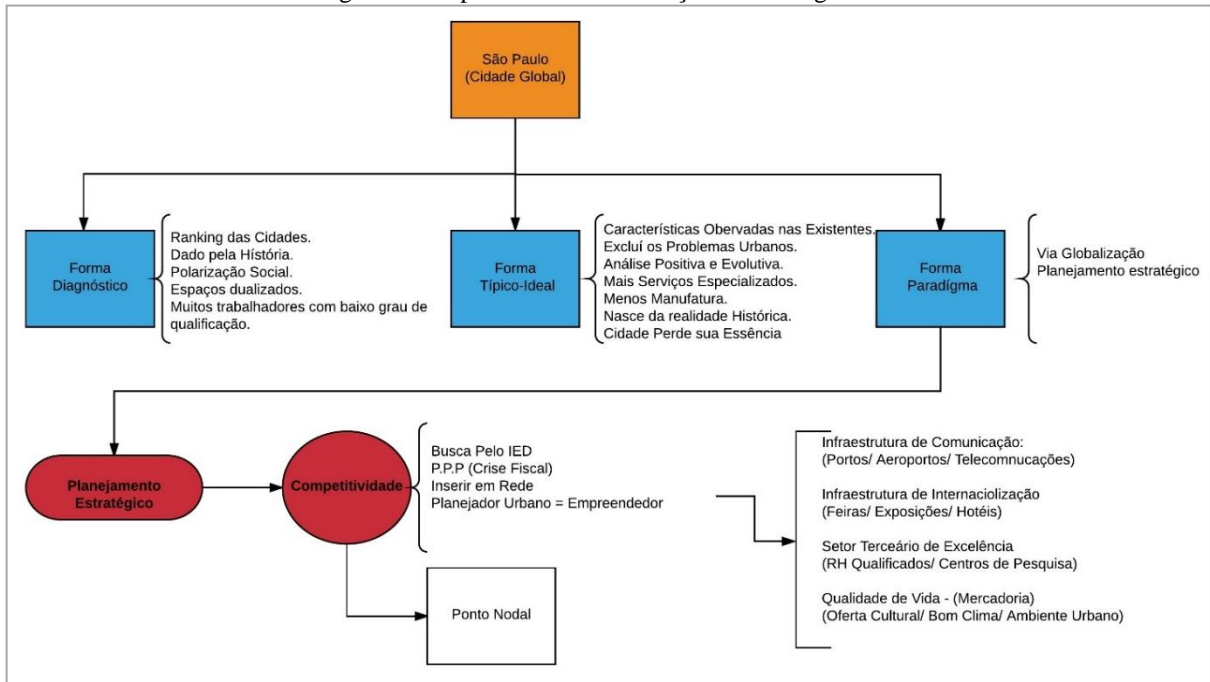
[...] a associação entre o poder privado e o poder público, com a iniciativa do setor privado. As duas associações são predominantemente compostas por membros representantes do setor empresarial, com ênfase para as instituições financeiras. No caso da Viva o Centro, o Banco de Boston desempenha papel hegemônico e o Banco Itaú lidera as ações da Paulista Viva que tem Olavo Setúbal como seu presidente (FRÚGOLI, 2000, p. 71) [...]. A participação de setores populares, de associações de moradores, de sindicatos de trabalhadores é quase inexistente, quando não ausente (FRÚGOLI, 2000, p. 150) [...]. Além disso, “essas associações têm grande poder de influência na definição das políticas públicas e dos investimentos que o poder público deve empreender sobre a cidade [...]” (FRUGOLI, 2000 *Apud* CARVALHO, 2000, p. 80).

Nesse contexto, a cidade de São Paulo é definida como metrópole, ponto nodal do Brasil, Cidade Global de segunda ordem e melhor observada no contexto de Cidade Global com a ótica, Típico-Ideal.

Em resumo, a forma Diagnóstico é a de evolução histórica em que se pode observar as metrópoles de primeira ordem. Na Típico-Ideal a inferência está presente, assim as Cidades são “inspiradas” pela forma diagnóstico, mas ainda assim são um fenômeno da globalização. E a forma paradigma é o conceito que uma cidade pode se elevar e chegar ao status de Cidade Global por meio do planejamento estratégico e tal planejamento tem guiado boa parte dos gestores urbanos, em especial, os ditos empreendedores.

A Figura 6 apresenta um fluxograma que auxilia na compreensão deste subitem, detalhando as formas de classificação de uma Cidade Global, com enfoque para São Paulo (destacada em laranja), demonstrando as três hipóteses de classificação a qual a Típico-Ideal melhor descreve a cidade global brasileira. E dá um enfoque no conceito de competitividade, que traz para as cidades uma ótica de mercadoria, a qual é vendida aos capitalistas com base nos benefícios e externalidades que elas podem trazer aos negócios. Finalizando com quatro setores destacados, dentre os quais, o gestor público, com perfil empreendedor, irá guiar o seu planejamento estratégico.

Figura 6 – Hipóteses de classificação: cidades globais.



Fonte: Elaborada pelo autor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade tem caráter dual, objeto porque existe materialmente, sujeito porque ela interage com as pessoas. Ela pode ser delineada pela política, pela religião, por seus limites geográficos sem um critério amplamente definido para isso. Mas se percebe a importância das categorias que a influenciam e criam o ambiente urbano.

As cidades sofreram transformações causadas pela revolução industrial, depois pelas revoluções logísticas e de telecomunicações. Transformando além das cidades, a urbanização e sua dinamicidade. Não há como negar que existe uma atuação em rede entre as diversas cidades e uma hierarquia definida em vários quesitos, sejam tecnológicos, políticos, religiosos ou administrativos. Este nível de influência é o que diferencia uma aldeia de uma pequena cidade, e seguem diferenciando cidades médias de metrópoles e de Cidade Global, que mesmo estando no topo da hierarquia ainda segue uma lógica de poder e influência entre as próprias Cidades Globais.

Deve ser registrado que a sociedade urbana passou por um processo de Implosão-Explosão que se iniciou na industrialização. Lefebvre criou uma linha de pensamento para se entender as transformações urbanas iniciando-se na Cidade Política, depois na Cidade Comercial e em seguida passando-se a uma Cidade Industrial, culminando em uma Zona Crítica, repleta de externalidades que precisam ser medidas, estudadas e o Planejamento Urbano pode ajudar, porém as áreas multidisciplinares precisam se preocupar e estudar o Fenômeno Urbano. Assim com planejamento, os diversos problemas sociais que possam ceifar vidas, podem ser tratados e contornados mudando drasticamente o desenvolvimento social.

O urbano se modifica de acordo com o modo de produção adotado. Ele é diferente para cada tipo de sociedade. E o consumo do espaço é conflituoso, pois os cinco agentes descritos nesse estudo estão envolvidos no consumo das cidades com objetivos diferentes; os empresários, os proprietários da terra, os promotores imobiliários, o Governo e a população querem consumir o espaço com objetivos em geral diferentes. Nas Cidades Globais os grupos sociais mais pobres são violentamente excluídos do consumo desse espaço, assim o trabalhador tenta a todo o momento se inserir no consumo do espaço, mas a sua remuneração e o seu trabalho não o permitem.

O conceito americano de trabalho na cidade e moradia no subúrbio parece ter respondido em parte o dilema em que trabalhadores ganham cada vez menos e não conseguem mais consumir o espaço em Cidades Globais. Quando o trabalhador tem sua função atrelada a

atividade industrial ou a serviços não especializados, não lhe resta muita alternativa e o processo de expulsão da cidade e de seu núcleo se concretiza.

Foi possível observar que os serviços ultra especializados se concentram em Cidades Globais, e que dentre eles o setor financeiro é aquele que mais concentra recursos, poucas cidades detém o volume e a concentração do capital mundial.

Os serviços especializados são importantes para a organização e transnacionalização das indústrias. Uma vez que se torna muito mais prático contratar empresas terceirizadas para dar o aparato de publicidade, marketing, contabilidade e jurídico que as outras empresas necessitam para adentrar em outros mercados, sem a necessidade de atuar *in locus*, basta apenas que estejam representadas em uma Cidade Global.

São Paulo passou a ser considerada uma Cidade Global a partir da década de 1990, passou a enfrentar os problemas sociais de uma cidade globalizada e a concentrar o IED com uma grande representatividade de empresas multinacionais. O emprego industrial e o de serviços não especializados traz um efeito que expulsa a sociedade da possibilidade de consumo da metrópole impulsionando para a periferia aprofundando os problemas sociais.

Esse estudo não foi suficiente para responder o porquê do setor de serviços ser o predominante do capitalismo contemporâneo, mas uma hipótese foi formulada, que deverá ser estudada em uma próxima pesquisa. A hipótese de que o setor de serviços tem crescido em detrimento do setor industrial, pois cada vez mais existe uma concentração de produção na indústria, formando oligopólios e monopólios cada vez mais eficientes e que erguem barreiras dificultando a entrada de novas empresas que disputam o capital de investidores.

O capital dos investidores está disponível para ser buscado em Cidades Globais que é um ambiente propício para *startups*<sup>10</sup> e demais empresas buscam cada vez mais se qualificar para conseguir uma parcela desse financiamento. Neste processo vários serviços são exigidos tais como; marketing, jurídicos, contabilidade etc., e cada vez mais é requerido um alto padrão especializado desses serviços para diminuir a incerteza dos investidores na hora de financiar projetos. Esse é um efeito que atrai várias empresas a atuarem no segmento de serviços e as barreiras de entrada são muito menores que na indústria.

Outra observação foi no que diz respeito ao ciclo do capital, onde para um capital industrial existe um processo de maturação do investimento que leva consideravelmente mais tempo do que um projeto no setor de serviços. Fora esse aspecto o mercado financeiro tem

---

<sup>10</sup> Termo designados às empresas emergentes, recém-criadas, em geral possuem um modelo de negócio inovador e com potencial crescimento, o termo ficou famoso após a criação de várias empresas de tecnologia no Vale do Silício do tipo “empresa.com”. Netflix, Google e Paypal são exemplos de empresas que foram *startups*.

oferecido cada vez mais opções de investimento com liquidez que atraem o capital investidor, sendo tais investimentos não alocados necessariamente na produção, como ocorre quando uma empresa realiza uma Oferta Pública Inicial (IPO, do inglês *Initial Public Offering*) e sim tais valores se mantêm exclusivamente no ambiente financeiro, servindo no máximo de securitização (*Hedge*<sup>11</sup>) e para tornar o ambiente financeiro com extrema liquidez.

Em uma perspectiva de emprego, o mercado de trabalho tem se tornado cada vez mais competitivo e de difícil inserção, com um grande setor de serviços e com diminuição da participação industrial. Assim para o jovem que trabalha e se insere numa metrópole qualquer, a recomendação parece ser que busque o trabalho em empresas de serviços especializados e que possuam uma representação em uma Cidade Global, uma atuação em rede.

Esperava-se que com o teletrabalho<sup>12</sup> as Cidades Globais perdessem certa importância e ocupação. Contudo, mesmo com a existência do teletrabalho a empresa precisa ter uma representação em uma Cidade Global para que o trabalhador esteja inserido no mercado de trabalho mundial com a empresa atuando como ponto nodal do processo, a fim de sair das limitações geográficas apoiado com as transformações logísticas e de telecomunicações.

Já para as Cidades, o planejamento estratégico e urbano é indispensável. O agente social deve ser formado por várias áreas de estudo em conjunto, para se realizar uma leitura total. A cidade deve priorizar sua interação com outras cidades maiores e menores para prover facilidades logísticas e de telecomunicações, apoiadas a um centro de qualificação profissional com o intuito de promover a sua população para alcançar investimentos estrangeiros e gerar serviços e atuar como ponto nodal em sua região. Com a preocupação de manter o Agente 5, os grupos sociais excluídos, como parte integrante desse planejamento, e se preocupar com a oferta de espaço pra esse agente que cada vez mais parece estar sendo expulso do centro urbano.

---

<sup>11</sup> Hedge é uma operação financeira que reduz ou elimina o risco com a variação de preços. Ao exemplo de uma dívida adquirida em dólares e o Hedge realizado é a compra de um título: Opção de compra, de dólares em determinada data por certo valor, pagando-se certo prêmio por ele.

<sup>12</sup> Teletrabalho ou trabalho remoto é fato do trabalhador poder realizar suas atividades por meio de ferramentas de trabalho a distância, como o escritório em casa (*home-office*) ou por meio de ferramentas de vídeo e teleconferência.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, M.D. Cidade global: anotações críticas sobre um conceito. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 4, São Paulo, out./dez. 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392000000400008>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

MARX, K. **O capital**. 30. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MYRDAL, G. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. Rio de Janeiro: Saga, 1965.

SASSEN, S. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

\_\_\_\_\_. **CCCB. youtube.com**, 11 janeiro 2011. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=7Dc-2v\\_YjJ4](https://www.youtube.com/watch?v=7Dc-2v_YjJ4)>. Acesso em: 30 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Fronteiras do pensamento. youtube.com**, 03 setembro 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IEkCwrXlVO4>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Leuphana Digital School. youtube.com**, 11 janeiro 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Iu-p31RkCXI>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Tel Aviv Global. youtube.com**, 15 outubro 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2RjX3yO0AkM>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Universidad de los Andes. youtube.com**, 8 novembro 2011. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=7Rz\\_bDzqC5g](https://www.youtube.com/watch?v=7Rz_bDzqC5g)>. Acesso em: 30 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **youtube.com. DLDCities 2012 – the city talks back**, 2012. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=dz\\_8ZPObXPg](https://www.youtube.com/watch?v=dz_8ZPObXPg)>. Acesso em: 21 maio 2017.

SPOSITO, E.S. **Redes e cidades**. São Paulo: UNESP, 2008.